

A INTERDEPENDÊNCIA SOCIAL E A INVERSÃO DO PROCESSO DE EXCLUSÃO: ESTABELECIDOS E *OUTSIDER*, QUEM EXCLUI QUEM?

Patrícia Silvestre de Freitas
Universidade Federal de Uberlândia
Universidade Metodista de Piracicaba

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar as relações que se estabelecem entre um grupo de pessoas portadoras de deficiência praticantes de atividade física e profissionais de Educação Física relacionados a universidade na década de 80, a partir de uma ótica da configuração estabelecido-*outsider* desenvolvida por Norbert Elias. Tal estudo permitirá entender alguns problemas relacionados com a Educação Física Adaptada no Brasil.

Palavras-chave: Portadores de deficiência; educação física adaptada; atividade física.

Este estudo tem por objetivo analisar alguns aspectos das relações entre um grupo de pessoas deficientes, participantes de atividade esportiva e pessoas não deficientes ligadas a universidades brasileiras na década de 80, a partir de uma ótica da teoria de configurações estabelecido-*outsider* desenvolvida por Norbert Elias.

Para o autor a configuração significa a rede de interdependências formada pelas relações entre os indivíduos que compõem a sociedade. Essas configurações são conseqüências das inúmeras possibilidades de interações sociais vividas pelo indivíduo ou pelo grupo, e podem ser internas ou externas. Em qualquer situação, o poder situa-se sempre como elemento fundamental em qualquer configuração.

Por mais de 16 anos trabalhei com esporte para portadores de deficiência; primeiramente como técnica de associação regional e nacional e, posteriormente, também como professora universitária, atuando na formação de profissionais e em projetos de extensão nessa área. Nesse entretanto pude observar vários aspectos que mereciam um estudo mais efetivo, dentre eles o processo de exclusão desencadeado pelos portadores de deficiência em relação aos profissionais das Universidades, ou seja, as tensões que permeavam o jogo de poder exercido pelos portadores de deficiência em relação aos profissionais ligados à academia.

Por muitas vezes observei e participei das calorosas discussões sobre esse assunto. Porém muito chamaram a atenção, as relações estabelecidas no interior do grupo de pessoas deficientes, tidas como minoria dentro da sociedade. Na oportunidade não tinha elementos para avaliar como e por que se davam.

Quando se ouve falar em grupos minoritários dentro da sociedade vigente, relaciona-se, pelo senso comum, a grupos frágeis, fracos e com grande problema de discriminação levando-os a exclusão do convívio social. Se focalizar então grupos de pessoas portadoras de deficiência, com certeza essas impressões tendem a aumentar.

Não serão discutidos aqui os processos que culturalmente se denominaram minoria, mas um recorte dos mesmos, objetivando focar em um ponto fundamental para a compreensão do processo de organização social.

Durante vários anos de trabalho com esporte para portadores de deficiência, faltou uma teoria que nos permitisse uma aproximação da realidade vivida como observadora e participante do processo, sem perder de vista a totalidade. As investigações, disponíveis, geralmente baseadas em entrevistas e questionários, não revelavam a realidade que vivia e presenciava, porque as questões não eram evidenciadas. Ao iniciar as leituras sobre a teoria do processo civilizador de Norbert Elias, especificamente o livro “Os Estabelecidos e Outsider”, pude compreender que poderia resgatar algumas discussões que, por serem muito específicas de um grupo, trariam algum entendimento para as questões relativas à área de Educação Física Adaptada hoje.

Outro aspecto que pareceu favorável foi à forma pela qual o autor conduz suas pesquisas sociológicas, de uma maneira mais ampla, não utilizando apenas as metodologias tradicionais centradas em métodos estatísticos.

A possibilidade de encaminhar os estudos sob uma ótica de análise de configurações utilizada por Elias possibilitou um novo incentivo, visto que ela se baseia não só em dados estatísticos, enfocando um determinado elemento que pode ser mensurável quantitativamente, mas também utiliza elementos adquiridos em observações e análises do contexto.

Desde 1958, quando se iniciou o esporte adaptado no Brasil¹, o movimento esportivo foi gerido por pessoas deficientes que formaram as entidades regionais e nacionais, cujos estatutos, ainda vigentes, regem a obrigatoriedade de serem presididos por portadores de deficiência.

Por muitos anos as escolas de Educação Física, em função das concepções estabelecidas², mantiveram alijada de suas atividades a pessoa portadora de deficiência. Esse distanciamento fez com que as associações esportivas de portadores de deficiência detivessem todas as informações referentes ao esporte, suas adaptações e suas implicações.

Em 1981, foi instituído o Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência pela Organização das Nações Unidas – ONU, objetivando a melhoria na qualidade de vida da pessoa portadora de deficiência. Entre outras iniciativas, enfatizou-se o esporte, o que levou

¹ Robson Sampaio e Sérgio Del Grande, portadores de paraplegia, ao retornarem dos EUA, após reabilitação, em 1958, e tomarem contato com o basquetebol sobre rodas, trazem para o Brasil essa modalidade. Em São Paulo, Del Grande funda o clube dos Paraplégicos em 23 de julho de 1958, enquanto Robson Sampaio funda, em 1º de Abril de 1958, o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Formam-se, assim, as duas pioneiras equipes de basquetebol sobre rodas do Brasil (MATTOS, 1990).

² No início, os programas de Educação Física alicerçados numa preocupação de caráter morfológico e postural, visavam à formação do indivíduo “forte”, “enrijecido”, com o objetivo primeiro de suas atividades (N.A).

alguns cursos de Educação Física a abrirem suas portas para o atendimento ao portador de deficiência.

Com a abertura de algumas universidades e o crescente interesse por essa parcela da sociedade, o movimento do esporte adaptado sentiu-se ameaçado de perder a hegemonia de conhecimentos, até então em seu poder, e passou a excluir as pessoas que tinham algum envolvimento com a universidade, sonogando informações e não oportunizando sua participação em campeonatos internacionais³. Essa forma de exclusão velada trouxe à tona um problema que se reflete diretamente neste estudo: a socio-dinâmica da estigmatização⁴, citada por Elias.

Essa relação, em um primeiro momento, pode parecer desfocada, porque sempre ouvimos falar da questão da exclusão, discriminação em relação ao portador de deficiência e, de repente, essa questão é invertida. Como poderíamos analisar essa inversão? Quais seriam as relações que se configuram? Que recursos permitem a um grupo já tão estigmatizado fazer o mesmo com outro? Com certeza, a limitação imposta por qualquer teoria simplista ou comprovações estatísticas o explicaria tão somente pelos termos de poder, desconsiderando os aspectos referentes ao grau de organização, coesão interna e controle social.⁵

A utilização da análise configuracional em grupos conduzidos por Elias em suas pesquisas sociológicas permitiu esclarecer algumas indagações. A partir de um modelo de uma configuração estabelecidos-*outsiders* utilizado por Elias em um estudo de grupo, pode-se compreender melhor as características estruturais que contribuirão para a compreensão das razões que levam um grupo a excluir o outro.

Segundo Elias,

[...] a peça fundamental da configuração estabelecidos-*outsiders* é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também pré-condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia, quando está bem instalado em posição de poder dos quais o grupo estigmatizado é excluído⁶

O poder em forma de conhecimento foi o que os estabelecidos nesse caso os portadores de deficiência utilizaram para excluir os *outsiders* (as pessoas relacionadas com universidades). Porém é necessário entendermos por que razão o grupo estabelecido não queria socializar o conhecimento.

Por um lado, um grupo de deficientes chamava a atenção para o fato de que as universidades nunca haviam dado importância a esse tipo de atividade e que, apenas agora, por estar sendo mais divulgado, queriam tomar todo o conhecimento adquirido e apropriar-se dele academicamente. De outro lado, as Universidades admitiam o não envolvimento, porém mostravam interesse em entender e contribuir para uma melhora significativa nessa área, em parceria com as entidades de pessoas portadoras de deficiências.

Sem a pretensão de estabelecer julgamento de certo ou errado, mas de contribuir para uma melhor compreensão da tensão dessas relações, serão aqui enfocados alguns aspectos do processo de estigmatização utilizados pelos grupos, pois um estigmatizava o outro por ser deficiente e o outro era estigmatizado por ser “ignorante”.

Para o grupo de estabelecidos, o *status* de estarem acima dos conhecimentos acadêmicos e o sentimento de poder adquirido com isso preservavam o que julgavam de alto valor: afirmação de sua superioridade e identidade grupal. Pode-se analisar esse fato como transferência de estigmatização pelo grupo de estabelecidos para o grupo *outsider*, tido como superior socialmente. Essa situação merece um momento de reflexão, pois parece um dos aspectos significativos no tipo de relação entre estabelecidos e *outsiders*, uma vez que fornece um indício de barreira emocional caracterizada pelos comportamentos adquiridos pelos portadores de deficiência na sociedade que os estigmatizava.

Para entender a mecânica da estigmatização de acordo com Elias⁷, faz-se “necessário examinar rigorosamente o papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição do seu grupo entre outros e, por conseguinte, de seu *status* próprio como membro desse grupo”, bem como a história social-grupal adquirida.

Nesse momento cabe perguntar: como um grupo de *outsiders* mais “estabelecidos” dentro de um contexto social pode estar excluído do conhecimento relativo à área de atividade física para portadores de deficiência durante mais de 15 anos? A questão não está na simples troca de papéis, mas também na condição do grupo *outsider* colocar-se em tal situação de tal, e se sentir impotente, em condição de inferioridade que, no caso das universidades seria, a falta de informação sobre uma área de conhecimento que se acredita que deveria ser de apropriação acadêmica.

Os sintomas de inferioridade humana que os grupos de estabelecidos muito poderosos mais tendem a identificar nos grupos *outsider* de baixo poder é que servem a seus membros como justificação de seu status elevado à prova de seu valor superior costumam ser gerados nos membros dos grupos inferiores em termos de sua relação de forças.⁸

É importante observar que a interdependência dos dois grupos acontecia a todo tempo, visto que os cursos de Educação Física, “bem ou mal”⁹, formavam os profissionais que trabalhavam com o portador de deficiência e que, na maioria dos campeonatos, os alunos de graduação eram chamados para auxiliarem na arbitragem.

Sob muitos aspectos, essas configurações exercem um certo grau de coerção sobre os indivíduos que a compõem, no sentido de que

³ Geralmente, nos campeonatos internacionais eram repassadas informações em forma de cursos e materiais.

⁴ Segundo Elias e Scotson, a sociodinâmica da estigmatização é “a condição em que um grupo consegue lançar um estigma sobre outro (2000, p. 23). ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

⁵ Op. cit., p. 22.

⁶ Op. cit., p. 23.

⁷ Op. cit., p. 25.

⁸ Op. cit., p. 28.

⁹ Refere-se ao fato de que os cursos de Educação Física não ofereciam disciplinas específicas dessa área na década de 80.

elas formam entre si interdependências e exercem poder sobre esses mesmos indivíduos, restringindo sua liberdade no âmbito das decisões como resultado dessa interdependência. “Talvez, através de uma melhor compreensão das forças coercitivas que atuam numa configuração como a dos estabelecidos e *outsiders*, possamos conseguir, no devido tempo, conceber medidas práticas capazes de controlá-las”¹⁰.

Neste estudo buscou-se decompor apenas um problema dentre tantos outros, em uma categoria específica utilizada por Norbert Elias, tentando entendê-la. A questão da inversão de papéis de estabelecidos e *outsiders* levantada neste estudo aponta para uma resposta que pode parecer simples e talvez óbvia: o conhecimento como forma de poder. Porém não se pode apenas limitar a isso, por haver uma relação estabelecida que envolve processos sociais de grupos minoritários. As interdependências que se estabelecem entre os grupos se tornam específicas, visto que um necessita do outro para coexistirem.

O que se observa neste estudo foi uma tensão que se estabeleceu pela relação de poder entre os grupos em um período marcado pela construção de uma área de conhecimento. Os atritos e perturbações trazidos por essa construção carregam toda a estigmatização gerada pela história social da pessoa portadora de deficiência, que tenta suplantar esse estigma através da exclusão de uma classe dita superior, como se gritasse: “Embora em toda a história não tenhamos tido espaço, agora são vocês que não o têm [...]”.

A situação existente na década de 80 e meados de 90 lentamente está se modificando, tanto para os estabelecidos como para os *outsiders*, a partir do fortalecimento e tomada de consciência da interdependência necessária a ambos. Com certeza foi um fato social acompanhado de perto por poucas pessoas, mas que, se observado, revela uma nítida mudança, embora o processo ainda seja longo e cheio de empecilhos.

Nesse ano de 2000, pode-se dizer que se visualiza alguns resultados bastante positivos. Junto com o grupo que comporá a delegação brasileira que participará das Paraolimpíadas de Sidney, estão representadas quatro universidades que contribuíram efetivamente na preparação dos atletas nas áreas de avaliação esportiva, psicologia do esporte, classificação funcional, fisiologia do exercício e treinamento esportivo.

Abstract

The objective this study was to analyze relation about group of handicap people athletics and physical Education profession of university. This study was based in theory of civilization processes by Norbert Elias, specific his book “Estabelecidos e Outsider” and will permits to understand some problems with adapted physical Education in Brazil.

Key words: Deficiency carriers; adapted physical education; physical activity.

Bibliografia

ELIAS, N. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

FRANÇA, S. M. “Diferença e preconceito: a efetividade da norma” In: AQUINO, J. G. (org.). **Diferenças e Preconceito na Escola**. São Paulo: Summus, 1998.

MATTOS, E. Esportes adaptados para portadores de deficiência física: implicações e aplicações. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, 3, 1990, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, 1990. 121 p. pp. 84-88.

¹⁰ELIAS, N; SCOTSON, J., op. cit., p. 186.